

ADORNO E A ARTE-EDUCAÇÃO

JANTORNO, Alessandra Azevedo

Alessandra@capixabao.com

Programa de Pós-Graduação em Educação

Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo: Adorno, nascido na Alemanha, foi filósofo, e educador. Escreveu sobre a massificação da população alemã, tendo como base teórica o marxismo. Fundou a Escola de Frankfurt na Alemanha e, em 1947, escreveu a *Dialética do esclarecimento*. Também criou conceitos como razão instrumental e indústria cultural, criticando sempre a dominação. Em sua obra *A Educação contra a barbárie*, defendeu a posição de que as pessoas estariam atrasadas em relação à sua própria civilização e que elas se comportavam primariamente, dotadas de agressividade e ódio. Atualmente, podemos assistir a acontecimentos que nos remetem à barbárie prevista por Adorno em 1968, nos países como os Estados Unidos, a Alemanha e o Brasil.

Palavras-chave: Barbárie. Arte. Educação.

Abstract: Theodor Adorno was born in Germany in 1903. He was a philosopher and an educator. He wrote about German people mass culture, and started Frankfurt school, having as its theoretic basis Marxism. In 1947 he wrote *The Dialectic of Enlightenment*. Adorno, also created some concepts, such as Instrumental Reason and Cultural Industry, always criticizing domination. In his work *Education against Barbarism* he states a point of view by which people would be backward related to their own civilization, and somehow. Would behave in primitive way, showing up hate and aggressiveness. Nowadays, we can follow up events in countries like U.S.A, Germany which deals with barbarism foretold by Adorno in 1968.

Keywords: Barbarism. Art. Education.

A CULTURA DA MASSA E DA SEMIFORMAÇÃO

Theodor Wiesengrund Adorno (1903-1969), pensador nascido em Frankfurt, na Alemanha, filho de uma família de ascendência judaica, filósofo, sociólogo e musicólogo, foi um dos fundadores do Institut für Sozial Forschung, base da Escola de Frankfurt, companheiro de Max Horkheimer. Discípulo do compositor austríaco Alban Berg, dedicava-se às investigações sociológicas sobre música. Agregou-se à Escola de Frankfurt após a I Guerra Mundial Marxista por formação, tentou reinterpretar a Psicanálise na perspectiva da teoria crítica. Saiu da Alemanha em 1934, instalando-se na Inglaterra. Em 1938, foi para os Estados Unidos e regressou à Alemanha em 1949. Em seu exílio nos E.U.A., tendo escapado da barbárie nazista, juntou-se a um grupo de importantes cientistas sociais norte-americanos para desenvolver uma ousada pesquisa, da qual resultou *A personalidade autoritária*, infelizmente, nunca publicada em português. Tratava-se de testar empiricamente a relação entre estruturas capitalistas do capitalismo tardio e os comportamentos desviantes, hostis e destrutivos da norma civilizada, ou seja, a relação entre Marx e Freud. Adorno e colaboradores chegaram à

aterradora conclusão de que todos os elementos que haviam criado, o nazismo e o holocausto encontravam-se latentes na sociedade norte-americana. Criador dos conceitos *razão instrumental* e *indústria cultural*, juntamente com Horkheimer, acreditava que a razão iluminista, que visava à emancipação dos indivíduos e ao progresso social, levou a uma maior dominação das pessoas em virtude do desenvolvimento tecnológico-industrial.

Em 1947, Adorno e Horkheimer escreveram *A dialética do esclarecimento*, obra em que fazem duras críticas ao Iluminismo, que estimulou o desenvolvimento de uma razão controladora e instrumental que predomina na sociedade contemporânea. Nessa obra, denunciam também o desencantamento do mundo, a deturpação das consciências individuais, a assimilação dos indivíduos ao sistema social dominante. Adorno denunciou a *morte da razão crítica*, asfixiada pelas relações de produção capitalista. Aqui cabe colocar que o que é mais característico nos filósofos da escola de Frankfurt é a desesperança em relação à possibilidade de transformação dessa realidade social, ou seja, uma apatia profunda diante das mudanças. De acordo com Adorno, isso se deveria a uma ausência de consciência revolucionária no proletariado (trabalhadores), que teria sido assimilado, absorvido pelo sistema capitalista pela alienação¹ das suas consciências promovidas pela indústria cultural. *Indústria cultural* é um termo difundido por Adorno e Horkheimer para designar a indústria da diversão vulgar, veiculada pela TV, rádio, revistas, jornais, músicas, propagandas e outros. Adorno compreende que é por meio da indústria cultural e da diversão que se obteria a homogeneização dos comportamentos, a massificação das pessoas. É importante notar que a falta de perspectiva de transformação social levou Adorno a se refugiar na teoria estética, por entender que o campo da arte é o único reduto autêntico da razão emancipadora e da crítica à opressão social.

Adorno, em um dos seus textos *O fetichismo na música e a agressão da audição*, faz uma crítica e reflexão à decadência do gosto musical, colocando que, desde o tempo da noética grega, todos tendem a obedecer à função disciplinadora da música. Ele analisa o gosto musical como um gosto coletivo “a música conhecida de todos” e afirma que gostar de uma música de sucesso é quase exatamente o mesmo que reconhecê-la. O comportamento torna-se uma ficção para quem se vê cercado de mercadorias musicais padronizadas. O indivíduo já não consegue subtrair-se ao julgo da opinião pública, nem tampouco pode decidir com liberdade quanto ao que lhe é apresentado, uma vez que tudo que se oferece é muito semelhante. Adorno fez o seguinte questionário: “Ao invés de entreter, parece que a música contribui para ainda mais

¹Alienação – Hegel empregou o termo para indicar o alhear-se à consciência de si mesmo, pelo qual ela se considera como uma coisa. Esse alhear-se é uma fase do processo que vai da consciência à autoconsciência. Esse conceito foi retomado por Marx em seus textos juvenis, para descrever a situação do operário no regime capitalista (ABBAGNANO, 2000).

para o emudecimento dos homens, para a morte da linguagem como expressão, para a incapacidade de comunicação”. E foi mais além, colocou a música como entretenimento que preenche os vazios do silêncio que se instalam entre as pessoas deformadas pelo medo, pelo cansaço e pela docilidade de “escravos sem exigência”. Se ninguém é mais capaz de falar realmente, é obvio também que já ninguém é capaz de ouvir. Adorno fez uma crítica à massificação da música, considerando as músicas sentimentais uma “degeneração”.

Influenciado pelo programa ético-musical de plantão, que possuía característica de uma ação de purificação, de uma campanha de estilo espartano, onde as objeções mais marcantes são as da superficialidade e a do culto da personalidade, e nas proibições entrelaçam-se à variedade do prazer dos sentidos e da consciência diferenciada, Adorno nos remete ao terceiro livro *República* de Platão, no qual se proíbem tanto os modos musicais queixosos como os moles, que, no dizer sábio grego “[...] se recomendam em banquetes e orgias”, instrumentos de cordas e flautas eram igualmente proibidos. Dos diversos modos só se permitiam aqueles que “[...] de forma adequada imitavam a voz e a expressão do homem”. Adorno adotou o conceito de fetichismo musical, influenciado por Max, em que descreveu o caráter fetichista da mercadoria com veneração do que é autofabricado, o qual, por sua vez, na qualidade de valor de troca, se aliena tanto do produtor quanto do consumidor, ou seja, do homem.

OBRAS E PENSAMENTO IDEOLÓGICO

Dentre outras obras, publicou *A Indústria cultural* (Theodor W. Adorno e Marx Horkheimer – 1944) e *A Educação contra a Barbárie* (Adorno – 1968). É evidente notarmos que, em todo o seu trajeto de vida, Theodor Adorno foi influenciado pelo marxismo. Tanto na música, como na Sociologia e na Educação suas mensagens e teorias são extremamente atuais. Adorno escreveu sobre os norte-americanos e sua personalidade autoritária, mas não viveu para ver explodir essa personalidade recalcada através de longos anos... a violência, o poderio militar, o desprezo e a arrogância se confirmaram nas ruínas das torres norte-americanas, o World Trade Center, no dia 11 de setembro de 2001. A forma com que Adorno lida com a mercadoria e a relação social também é extremamente atual. Ele mostra como hoje o capital usa seus produtos para refletir uma relação global com o trabalho: a relação alienante. Adorno foi de fato um pensador à frente do seu tempo. Mesclando seu trabalho da Grécia, de Platão, ao império norte americano, seus textos são tensos e rígidos, cheios de citações minuciosas, o que reflete também a sua personalidade metódica e mal humorada.

Em sua obra *A Educação Contra a Barbárie* (1968), Adorno coloca que as pessoas se encontram atrasadas de um modo disforme com relação à sua própria civilização e verifica, também, que há uma certa agressividade primitiva, um ódio meio que primário. Todos esses aspectos formam um grande impulso de destruição que contribui para aumentar ainda mais o perigo de que toda a civilização venha a explodir. Adorno, naquela época, já considerava urgente a intervenção para evitar tal descompensação da civilização. E qual meio Adorno cita para combater o mal da barbárie? A Educação. É preciso, de fato, reorganizar todos os demais objetivos educacionais para essa prioridade e, mais uma vez, ele expõe: “[...] a tentativa de superar a barbárie é algo decisivo para superar a sobrevivência da humanidade”.

Levaremos em conta os incidentes atuais nas escolas da Alemanha, onde há uma prática massiva da violência entre professor/aluno/instituição escolar. Algumas práticas dessa barbárie chocam o mundo inteiro, quando são divulgadas pela mídia, mas cabe a nós uma análise mais profunda desses fatos, dotados de conteúdos primitivos de agressividade e ódio. Em 1968, Adorno apontou o caso da Alemanha. Conforme observou, a questão da educação alemã gira em torno de que as pessoas devam assumir compromissos, que se adaptem ao sistema dominante, ou que se orientem segundo valores objetivamente válidos e dogmaticamente impostos. E mais, ele verificou, também, que o problema da educação alemã, no contexto da desbarbarização, não foi colocado com a importância e gravidade que ele pregava. É importante notar que o descaso com a reorganização da educação pode ter desencadeado um desvio de conduta na população de jovens estudantes, mas, contudo, não devemos deixar de lado a importância das influências dos valores sociais e dos fatores psicológicos na estruturação da personalidade de um indivíduo. Isso não se restringe a Alemanha. Adorno pregava que os perigos da barbarização, mesmo em roupagens diferentes também se colocam em outros países. Utilizaremos como exemplo o caso do Brasil.

O número crescente de homicídios entre jovens é um indicador de que, em nosso país, inexistem iniciativas que busquem envolver o Estado, a família, a escola e a comunidade como instrumentos para o desenvolvimento de políticas públicas de combate à violência que combinem programas educacionais, sociais e de saúde. A Guarda Civil Metropolitana, responsável pelo policiamento das escolas municipais de São Paulo, aponta o aumento dos crimes nas escolas. Casos ocorridos em outras regiões do País ocupam diariamente os noticiários. O que está ocorrendo nas escolas? A justificativa mais corrente entre educadores e jovens, em relação ao seu comportamento marginal, é a ausência de espaço onde eles possam

²Barbárie: Esse foi o nome que Vico deu ao estado primitivo, selvagem, do qual o gênero humano foi saindo pouco a pouco para chegar à ordem do mundo propriamente humano, pelo temor à divindade. Deu o nome de “retorno da B.” à idade média.

expressar seus pensamentos e suas vontades. Algumas famílias não promovem uma convivência saudável, o governo não oferece atividades de lazer e cultura e, na escola, há muita dificuldade para adaptar os trabalhos desenvolvidos ao perfil desses jovens.

A problemática surge quando a ausência da função educativa admite relevância na produção e manutenção da exclusão social e da violência no ambiente escolar. A escola é muito mais do que um simples lugar onde o aluno vai estudar; é o espaço onde deságuam as raivas, as frustrações e ressentimentos das crianças e dos jovens, gerados, em boa parte, na família desestruturada, na promiscuidade das ruas e de uma sociedade que não respeita os direitos humanos e que convive com o preconceito, que valoriza o lucro e o consumo (ter) em detrimento dos valores humanos (ser). A violência passa a ser o padrão de reação à frustração de milhares de jovens. É fundamental, portanto, que a escola propicie a esse aluno um apoio para suas ansiedades existenciais. Theodor Adorno já contemplava isso há 30 anos, quando verificou que o ponto crítico da questão seria a Educação. Considerando que Adorno viveu na época do *Holocausto*, em uma verdadeira barbárie, é fácil observar como o tema lhe interessou. Suas vivências se refletem nos textos e seus escritos soam como alerta de quem viu de perto a humanidade próxima da barbárie original.

A ARTE COMO AGENTE DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Adorno concebia Arte como o único agente social transformador, capaz de promover uma razão emancipadora e o crescimento crítico dos focos populacionais. Ele, certamente, instruiu seus discípulos e colaboradores de que a Arte é o único caminho para a formação de uma razão crítica em frente à opressão social vigente.

Numa tentativa de romper o caráter linear do tempo nas obras de artes, Adorno expõe a problemática de maneira que a Arte Moderna seja constituída de tal forma que se transforme puramente em uma mercadoria, visto que é possível, nas sociedades atuais, que os produtos artísticos visem a traduzir, no plano estético, o declínio da ideologia burguesa. Mais uma vez propõe que a Arte deve ser considerada como um verdadeiro agente social transformador, e não como uma espécie de espelho no qual se refletiriam os ferimentos da decomposição social.

A objetivação da Arte é condenada por Adorno, visto que é preciso que ela escape a todo e qualquer tipo de aparência (necessária ao mundo capitalista), e retome o contexto subjetivo das humanidades, visto que sua utilização atual vem sendo projetada nas necessidades subjetivas falseadas pela ideologia dominante.

Para Adorno, a obra de arte e o processo artístico, por meio dos mais variados métodos, adquirem a sua grandeza unicamente por fazerem falar o que é encoberto pela ideologia. A poesia, a música e as artes em geral exigem uma autonomia que, por sua vez, implica protesto contra um estado social aparentemente inimigo da sociedade e essa representação está contida nas obras de alguns artistas tradicionais e contemporâneos. Para ele, o artista pode ser concebido tanto como criador como representante. Ele é tanto representante da tendência social global, como é sujeito dessa própria ação. Essa mediação se faz necessária para a produção e transformação social, visto que o artista e o arte-educador tem à sua frente instrumentos necessários à reflexão e à expressão que podem ser utilizados com consciência social e linguagem adequada ou como “falseabilidade” da realidade social vigente.

O conteúdo de verdade das obras de arte, transcrição histórica inconsciente, é então histórico na medida em que a consciência verídica se objetiva na obra: esta consciência não é um mero ser no tempo: um kairós; este justificaria o curso do mundo, o qual não é desdobramento da verdade. A consciência verídica é muito mais [...] (ADORNO, 1977, p. 56).

Para Adorno, a função educadora da Arte perpassa o caráter meramente demonstrativo da realidade empírica e assume formas de comprometimento com a transformação cultural e crítica em frente às verdadeiras necessidades sociais. Para o autor, a arte-burguesa, integrada pela ideologia dominante, opõe-se às tentativas artísticas que medem, dia após dia, o fosso entre a essência afirmativa da arte e a realidade.

É pela renúncia ao seu poder de crítica social que a obra de arte perde todo seu caráter de práxis real no interior da realidade empírica e se torna objeto de desejo, artigo de consumo e promessa de uma felicidade imediata e efêmera caracterizada pela sua posse. Adorno ainda acentua a alternativa perante a qual se encontram em nossos dias as práticas artísticas, obrigadas, ao mesmo tempo, a agradar e a oferecer aos homens a possibilidade de questionar seu modo de existência alienada.

Numa tentativa de caracterizar a arte como única saída para a transformação cultural e social, Adorno compreende de forma pessimista que, se a Arte não se colocar como tal, ela poderá desaparecer diante do sistema capitalista e financeiro. Isso se dará devido à sua concepção como mercadoria de consumo e não como agente capaz de educar, transformar, transmitir valores e questionar sua própria neutralização “revolucionária”.

Para Theodor Adorno, a Arte, como pertencente ao plano de educação de uma determinada sociedade, tem um caráter significativo diante das mudanças de atitudes e de valores dos quais os indivíduos se encontram enraizados e alienados. Com o aumento

consequente da consciência social, esses cidadãos serão formados indivíduos críticos e capazes de analisar o contexto social no qual estão inseridos e, ao mesmo tempo, promover a denúncia das múltiplas formas de integração da Arte pela ideologia dominante.

REFLEXÃO FINAL

Atualmente, é preciso promover, o mais urgente possível, uma interação escola-comunidade e o aperfeiçoamento constante dos educadores para lidar com as questões sociais. A arte é um meio pelo qual tanto o educador como o educando expõem suas angústias e expectativas sociais, além de promover uma leitura crítica diante a realidade em que está inserido. Na maioria das vezes, não é possível ver, em nossas obras atuais, agonias, explorações, perversões, abusos, vícios e abortos “[...] todas essas coisas dificilmente poderiam ser consideradas como os ornamentos de uma civilização”. Adorno completa seu pensamento sobre a Arte com uma visão integradora com relação à crítica social ao sistema vigente. A integração da Arte na educação é imprescindível para o desenvolvimento do potencial crítico-social da humanidade.

Por fim, é necessário um esforço conjunto dos organismos envolvidos na educação dos jovens e, sobretudo, que os governos, por meio de suas Secretarias de Educação e de Cultura, adotem uma postura efetiva para garantir a cidadania aos nossos jovens.

REFERÊNCIAS

ABBAGNAMO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ADORNO, Theodor W. **O fetichismo na música e a regressão da audição**, 1963.

ADORNO, Theodor W. **Introdução à controvérsia sobre o positivismo na sociologia alemã**, 1974.

COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da Filosofia: histórias e grandes temas**. São Paulo: Saraiva, 2000.

GOHN, Gabriel. **Adorno e a teoria crítica da sociedade: sociologia**. São Paulo: Ática, 2009.

JIMENEZ, Marc. **Para ler Adorno**: Rio de Janeiro: F. Alves, 1977.

MERQUIOR, José Guilherme. **Arte e sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin: ensino crítico sobre a escola neohegeliana de Frankfurt**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.